

MARCELO AB: A BELEZA EM VIAS DE DESAPARECER

Artistas, ao longo da história da arte, responderam de forma distinta às questões sociais do seu tempo. Alguns escolheram o enfrentamento direto, produzindo obras que desafiaram diretamente o contexto social, as instituições e os grupos de poder. Especificamente na década de 1970, notamos um novo desafio para as artes plásticas. Além das perseguições políticas de um Estado autoritário, a introdução de novos dispositivos como audiovisuais, super oito e diapositivo prometiam substituir as técnicas da pintura, escultura, desenho e gravura.

De forma análoga ao que ocorreu com a popularização da fotografia no século XIX, os artistas na década de 1970 reafirmaram o seu compromisso com o “fazer artístico” manual como traço distintivo das artes plásticas se apropriando das novas possibilidades desses recursos.

O ano de 1977 parece significativo nessa discussão, momento em que nos deparamos com a produção de Marcelo AB, premiada no *IX Salão Nacional de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte*. Sua obra conseguiu convencer críticos renomados como Celma Alvim, Mari’Stella Tristão e Jayme Maurício que era digna de um prêmio, ao retomar simultaneamente o rigor técnico dos grandes desenhistas e se apropriar das novas linguagens do seu tempo. Se não bastasse, ainda consegue realizar um enfrentamento de um tema que nunca abandonou quem conhece Minas Gerais: a paisagem. Não mais a intocada e exuberante contada e representada pelos Viajantes do século XIX, mas agora ameaçada pela ganância das mineradoras.

Marcelo AB faz parte de uma geração que mesmo com idades diferentes, fizeram uso de sua produção como plataforma política e de denúncia sem perder a realização artística. Destaca-se nesse conjunto artistas como Manfredo Souzanetto, Décio Noviello e Manoel Serpa.

Na produção ora apresentada, Marcelo AB retoma o tema, mas não como cópia ou reafirmação do já visto. Define novas estratégias. O convencimento não ocorre mais por realizar recortes da destruição, mas construir “cartões postais”, enaltecendo a beleza do patrimônio cultural e natural que está em vias de desaparecer. A estratégia foi modificada, mas o rigor, o trabalho árduo e a produção de obras significativas para a arte do nosso tempo ainda permanecem.

Rodrigo Vivas

Doutor em História da Arte / Professor da Escola de Belas Artes UFMG / Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte.